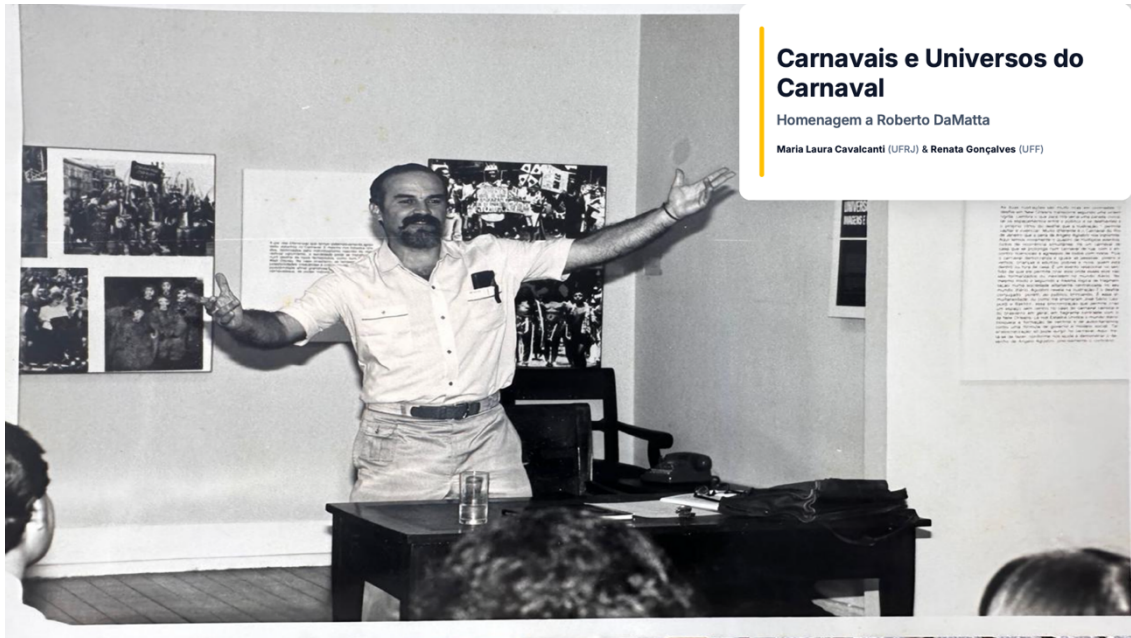


Mesa 1. Carnavais e Universos do Carnaval. Maria Laura Cavalcanti e Renata Gonçalves



Parte 1. Carnavais, malandros e heróis. Maria Laura Cavalcanti

Publicado em 1979, *Carnavais, malandros e heróis: por uma sociologia do dilema brasileiro* teve estonteante sucesso e logo ganhou lugar no panteão dos clássicos das interpretações do Brasil pelas ciências sociais.

Na esteira desse sucesso, em 1981, Roberto DaMatta propôs ao fotógrafo João Poppe passearem pelas ruas de Niterói e do Rio de Janeiro durante o carnaval. Ele queria fazer antropologia junto com as imagens, flagrar por meio delas condutas e performances espontâneas, e assim expressar sua teoria do carnaval. Conforme seguiam, ele sugeria e João Poppe lançava seu próprio olhar. Daí resultou a exposição *Universos do carnaval: imagens e reflexões*, realizada naquele mesmo ano na Galeria Pinakothèque, de Max Perlingero, e o livro-catálogo do mesmo nome.

A novidade dessa iniciativa incomum na época – fazer antropologia junto e a partir de imagens – atraiu nossa atenção, e localizamos as ditas imagens no acervo do autor depositado na Casa Acervo da FGV. As imagens que mostraremos a seguir corporificam aspectos decisivos do carnaval, ritual festivo que tem lugar-chave na interpretação do Brasil proposta por DaMatta. Mas uma inquietação sobreveio: como nosso autor chegou a essa interpretação?

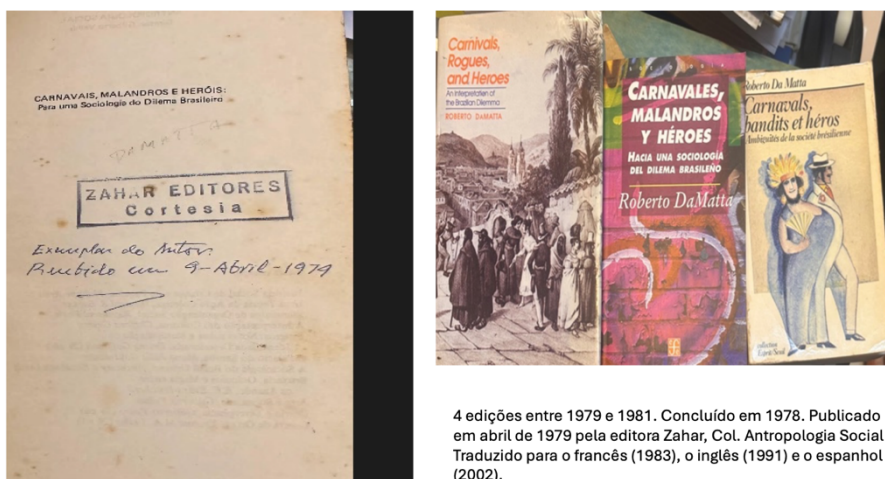
Dividimos então nossa fala: Renata vai apresentar e comentar as imagens, mas antes quero reconstituir, ainda que fragmentariamente, o caminho, creio que pouco conhecido, da gestação de *Carnavais, malandros e heróis*. Começo pela recepção do livro.

A recepção de Carnavais. Como disse acima, a publicação de *Carnavais, malandros e heróis* foi desde o início um estrondoso sucesso. O livro, concluído em 1978 e publicado em abril de 1979 pela editora Zahar na Coleção Antropologia Social, coordenada por

Gilberto Velho, teve 4 edições entre 1979 e 1981. E seria na sequência traduzido para o francês (1983), o inglês (1991) e o espanhol (2002).

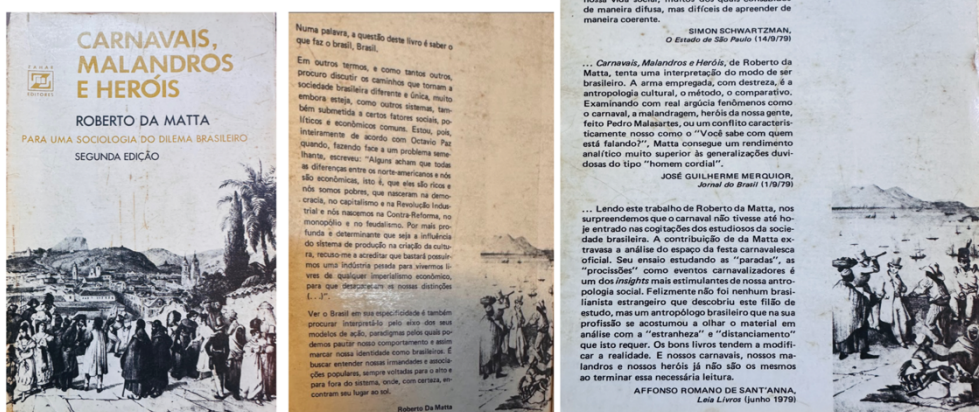
Na quarta capa da primeira edição, o trecho autoral se inicia dizendo que seu propósito era entender “O que faz o Brasil, Brasil”, feliz formulação que viria a se tornar o título de outro dos muitos livros que se seguiriam. Na quarta capa da segunda edição do livro, lançada no mesmo ano de 1979, já se estampam trechos de resenhas elogiosas de Simon Schwartzman, José Guilherme Merquior e Affonso Romano de Sant’Anna. No ano seguinte, foi a vez de Raimundo Faoro e de Jean-Pierre Dupuy (na França, na *Temps Libre*). A repercussão no meio antropológico chegou depois, com resenhas mais céticas de Trindade-Serra & Capinam, 1981, e Fry, 1983. Na França, o livro (vertido em 1983) foi saudado por Pierre Chaunu, 1984; Lebreton, 1984.

A recepção de Carnavais



4 edições entre 1979 e 1981. Concluído em 1978. Publicado em abril de 1979 pela editora Zahar, Col. Antropologia Social Traduzido para o francês (1983), o inglês (1991) e o espanhol (2002).

Capa da segunda edição.
Quartas capas da primeira e segunda edição. Ambas de 1979.



Carnavais é com certeza um novo ponto de partida na obra de DaMatta, a condensar um impressionante conjunto de ideias desde então desdobradas com maestria e grande poder

comunicativo nos tantos temas que desvelam um tenso universo moral em permanente movimento — de modo ambivalente, conflituoso, quem sabe esperançoso — entre os valores democráticos e valores hierarquizantes de nossa sociedade. A pergunta-chave — inspirada nos clássicos de Gunnar Myrdal (*An American Dilemma*) e de Otávio Paz (*O labirinto da solidão*) — era: como, afinal, se instaura e opera um sistema legal democrático em sociedades hierarquizantes? A antropologia chegava falando em voz alta, interpelando as ciências sociais, o pensamento social, a história, a literatura.

E o fazia por meio de uma antropologia da cultura, entendida como um plano de elaboração interna de uma sociedade perante processos globais que a atravessam. Além da ousada elaboração antropológica da pergunta, outra grande novidade é que isso se fazia:

1) pelo caminho das margens, ou seja, do estudo de fenômenos populares. Populares no duplo sentido de vivenciado pelas camadas populares e por todo o povo de uma sociedade-nação: como disse Roberto certa vez, daquilo que acontece debaixo do nosso nariz e tendemos a não prestar a devida atenção.

2) e dos fenômenos populares estudados à luz da antropologia dos rituais e mitos: o que resultou nos seis geniais ensaios que compõem os capítulos de *Carnavais*, articulados por densa introdução teórica. São eles:

i: os carnavais, as paradas, as procissões;

ii: o carnaval das escolas de samba em seus múltiplos planos;

iii: cuja singularidade democratizante tanto contrasta com o carnaval hierarquizante das *krewes* e tribos de Nova Orleans;

iv: *Você sabe com quem está falando?* — o rito verbal hierarquizante que habita o mundo da rua, o mundo público onde a observância da lei supostamente universal discrimina e rebaixa os reles “indivíduos” que, longe do domínio da casa, da família e/ou patronagem, não valem por si;

v: os paradoxos da malandragem que emergem da análise do conto folclórico de Pedro Malazartes;

vi: “Augusto Matraga e a hora da renúncia” — a possibilidade de individualização fora do massacrante mundo hierárquico e violento da patronagem dos sertões brasileiros, revelado com a análise arguta do belíssimo conto de Guimarães Rosa “A hora e a vez de Augusto Matraga”.

Roberto caminhava nesse livro por dentro de sua própria sociedade, e o carnaval ganhava destaque por estar “no coração da vida”. Não a vida genérica, mas “a vida como concebida e vivida por nós, brasileiros”. Na base desse movimento inovador, havia muita teoria, exercida com maestria.

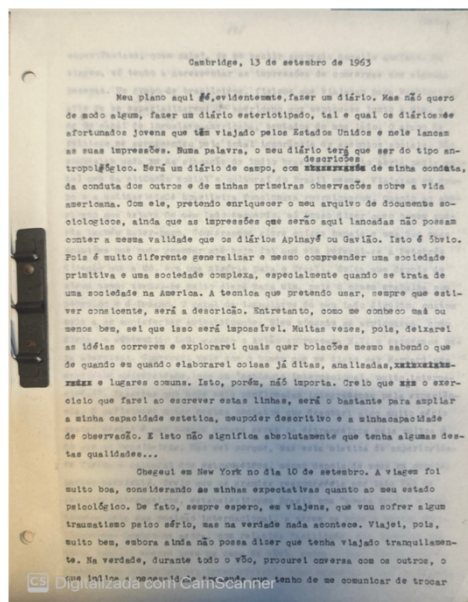
A proeza provinha de longo amadurecimento. Passo à minha reconstituição da gestação do livro.

Naquele final dos anos 1970, atuante no PPG do Museu Nacional/UFRJ, que coordenou junto com o Departamento de Antropologia entre 1972 e 1976, DaMatta já trazia consigo o mestrado e o doutorado defendidos em Harvard, respectivamente em 1969 e 1971, com pesquisa entre os grupos Jê-Timbira, em especial os Apinajé, publicada em 1976 como *O Mundo Dividido*. Trazia também consigo a vivência decisiva da experiência acadêmica e da cultura norte-americanas.

Porém descobri somente agora, voltando a conversar com nosso autor, que tudo começou mesmo em 1963, quando, já licenciado em História pela UFF (1962) — e tendo se definido pela antropologia com o curso de especialização (1960, coord. Roberto Cardoso de Oliveira, no Museu Nacional) —, Roberto seguiu para aperfeiçoamento na Universidade de Harvard como bolsista do projeto Brasil Central (coord. por David Maybury-Lewis).

Cambridge, 13 de setembro de 1963

"um diário de campo, com descrições de minha conduta, da conduta dos outros e de minhas primeiras observações sobre a vida americana. Com ele pretendo enriquecer o meu arquivo de documentos sociológicos". Ele queria ater-se a descrever, mas conhecendo a si mesmo ponderava: "(...) isso será impossível. Muitas vezes, pois, deixarei as ideias correrem e explorarei quaisquer bolações (...)". O exercício certamente serviria para "ampliar minha capacidade estética, meu poder descritivo e a minha capacidade de observação"...

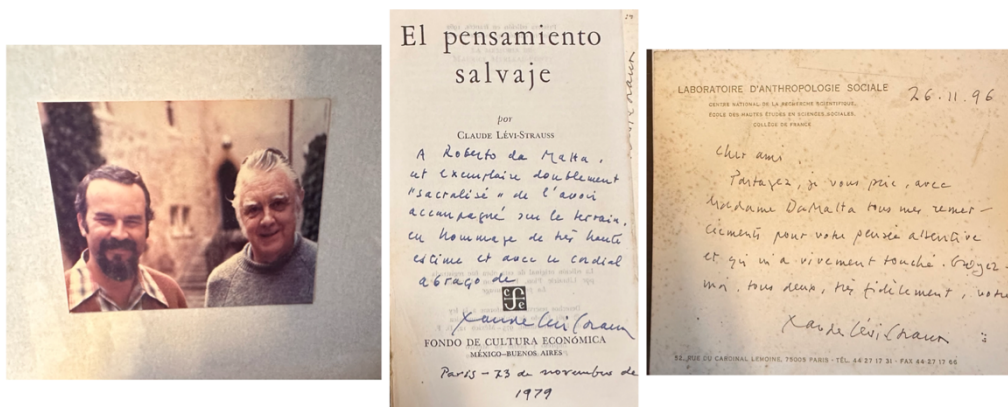


Logo que chegou em Cambridge, MA, em 13 de setembro de 1963, ele se propôs a iniciar: “um diário de campo, com descrições de minha conduta, da conduta dos outros e de minhas primeiras observações sobre a vida americana. Com ele pretendo enriquecer o meu arquivo de documentos sociológicos”. Ele queria ater-se a descrever, mas, conhecendo a si mesmo, ponderava: “(...) isso será impossível. Muitas vezes, pois, deixarei as ideias correrem e explorarei quaisquer bolações (...)”. O exercício certamente serviria para “ampliar minha capacidade estética, meu poder descritivo e a minha capacidade de observação”... Creio que nascia ali, graças à liberdade experimentada para as “bolações”, o futuro autor dos tantos insights e digressões nascidas das criativas associações em que seus textos sempre se abrem e o levaram longe! *Carnavais* trarão o Brasil como aquela “terra sem a qual o mundo fica deslocado”.

A esse impulso criativo se somou o impacto profundo do *ethos* acadêmico de Harvard, um centro mundial de antropologia. Eram a universidade e a antropologia como estilo de vida, junto a uma visão alargada da cultura. Ele conta (da entrevista na *Sociologia & Antropologia*): “A antropologia [brasileira] na época era: ‘A situação atual dos Tapirapé’, ‘Os índios Gaviões e o contato com a sociedade nacional’. A gente não entrava por dentro ou falava de dentro. Essa descoberta de pular o muro cultural se abriu para mim a partir desses cursos em Harvard em 1963-64”.

Entre tantas descobertas decisivas dessa época, destaco duas.

Antropologia em Harvard



Seu colega Thomas Beidelman, amigo de David Maybury-Lewis, lhe passou um texto mimeografado de Victor Turner: era o futuro capítulo “Betwixt and Between”, de *Floresta de Símbolos*, em que Turner elabora com brilho o conceito de rito de passagem do folclorista Arnold Van Gennep. E, em novembro de 1963, Terence Turner e DaMatta visitam Victor Turner com colegas na Universidade de Cornell. “E o Vic, muito simpático.” “Ele ia apresentar um trabalho em Harvard, era um verdadeiro vulcão de ideias” (...). Turner, que viria ao Brasil a seu convite em 1978, se tornaria para Roberto “um companheiro de aventura intelectual”. E havia, do outro lado do Atlântico, Claude Lévi-Strauss, com quem nascia o estruturalismo em antropologia. DaMatta leu o artigo *The bear and the barber*, publicado naquele mesmo ano de 1963, leitura seguida de *Totemismo Hoje* e *O Pensamento Selvagem* (ambos de 1962), em que o gênio de Lévi-Strauss mostra todo seu poder de fogo. O efeito foi profundo.

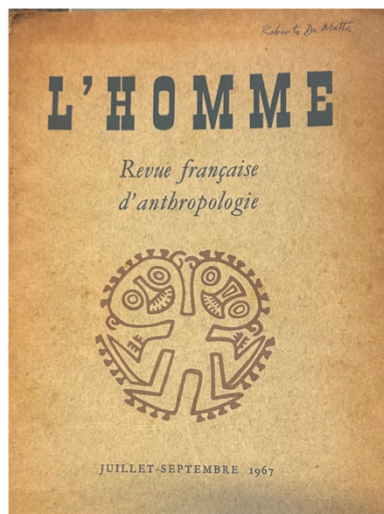
E, além disso, o choque de Brasil: Roberto tinha chegado a Harvard imbuído dos ideais revolucionários da esquerda brasileira da época e conta que, quando recebeu, em 1º de abril de 1964, a notícia de “uma revolução” acontecida no Brasil, ele e um colega celebraram a vitória da esquerda brasileira, até que a notícia foi corrigida: era um golpe militar de direita. O choque foi grande, seguido da tomada de consciência de que era preciso rever o que se sabia sobre o Brasil: “Essa problemática se superpôs [então] a tudo que eu estava lendo e fazendo (...)” (entrevista a Sinder e Cavalcanti na revista *Sociologia & Antropologia*).

Tomando novo rumo. Tudo aconteceu, pois, de modo gradual e orgânico. Foi assim que me dei conta de que os quatro capítulos de *Ensaio de Antropologia Estrutural*, escritos entre 1967 e 1973 (Vozes), permitem reconstruir o caminho em que se gestou *Carnavais*.

Da mitologia Jê ao “mundo moderno”



Sumário	
Agradecimentos,	9
Introdução,	11
Mito e Autoridade Doméstica,	19
* Panema: Uma tentativa de análise estrutural,	63
Poe e Lévi-Strauss no Campanário: ou, A Obra Literária como Etnografia,	93
O Carnaval como um Rito de Passagem,	121
Referências Bibliográficas,	169



L'HOMME		
Revue française d'anthropologie		
Comité de direction EMILE RENVERSTE PIERRE GOUROU CLAUDE LÉVI-STRAUSS ANDRÉ LEROI-GOURHAN GEORGES-HENRI RIVIERE		
Secrétaire général JEAN POCHOLLON		
Tome VII	Juillet-Septembre 1967	Numéro 3
SOMMAIRE		
Roberto da MATTIA	La panema: un essai d'analyse structurale	5
Jean CUISINIER	Système de succession et de dotation en Yongo- shaye et en Turquie	25
Nicole ECHARD	L'habitat traditionnel dans l'Adir (Pays haoua, République du Niger)	45
NOTES ET COMMENTAIRES		
Alfred DELUZ et Maurice GODELIER	A propos de deux textes d'anthropologie éco- nomique	75
(suite du sommaire au verso)		

A revista *L'Homme*, julho-setembro de 1967

Nesse livro, Roberto “testava os instrumentos da análise estrutural” de Lévi-Strauss numa antropologia que desfazia fronteiras e hierarquias entre grupos humanos e saberes acadêmicos, e caminhava do estudo da mitologia jê para estudos “do mundo moderno”.

O primeiro capítulo (texto de 1967) analisa o mito de origem do homem branco a partir de variantes dos grupos Krahó e Canela (o mito de Auké), e nele é o mito que ilumina a organização social do grupo como um rico e tenso sistema de equilíbrios se fazendo e refazendo.

O segundo capítulo, publicado no mesmo ano de 1967 na prestigiada revista *L'Homme* (do próprio Lévi-Strauss!), desvenda por meio da análise estrutural o sentido sociológico da crença na má sorte amazônica, a *panema*, a partir dos excelentes estudos de comunidade de Charles Wagley e Eduardo Galvão.

Finalmente chega o carnaval no quarto capítulo, com *O carnaval como rito de passagem*, uma espécie de trampolim, em que o estruturalismo se soma ao processual de Van Gennep e de Victor Turner. É só então que a palavra **Brasil** vai emergir. E sabem como? Na epígrafe, por meio da marchinha de Lamartine Babo: “Quem foi que inventou o Brasil? Foi Seu Cabral. No dia 21 de abril. Dois meses depois do carnaval”. O cerne é o exame da poética da “Noite dos Mascarados”, de Chico Buarque, que impulsiona a análise das condutas e corporalidades extraordinárias permitidas na festa, do uso de fantasias, da relação paradoxal do carnaval com a ordem cotidiana. Já ao final, creio que numa característica “bolação” damattiana, emerge o triângulo ritual brasileiro — os carnavais, as paradas e as procissões “como ocasiões de ostentação de símbolos importantes para uma sociedade”. E a palavra Brasil, denotando uma sociedade-nação, aparece apenas no finalzinho, condensada no carnaval carioca comparado ao carnaval hierarquizante das *krewes* de Nova Orleans.



**RELIGIÃO E
SOCIEDADE** MARÇO 1977 Nº 1

DUGLAS T. MONTEIRO
LESZEK KOLAKOWSKI
OCTAVIO IANNI
PETER FRY
Pe. HENRIQUE VAZ
ROBERTO DA MATTA

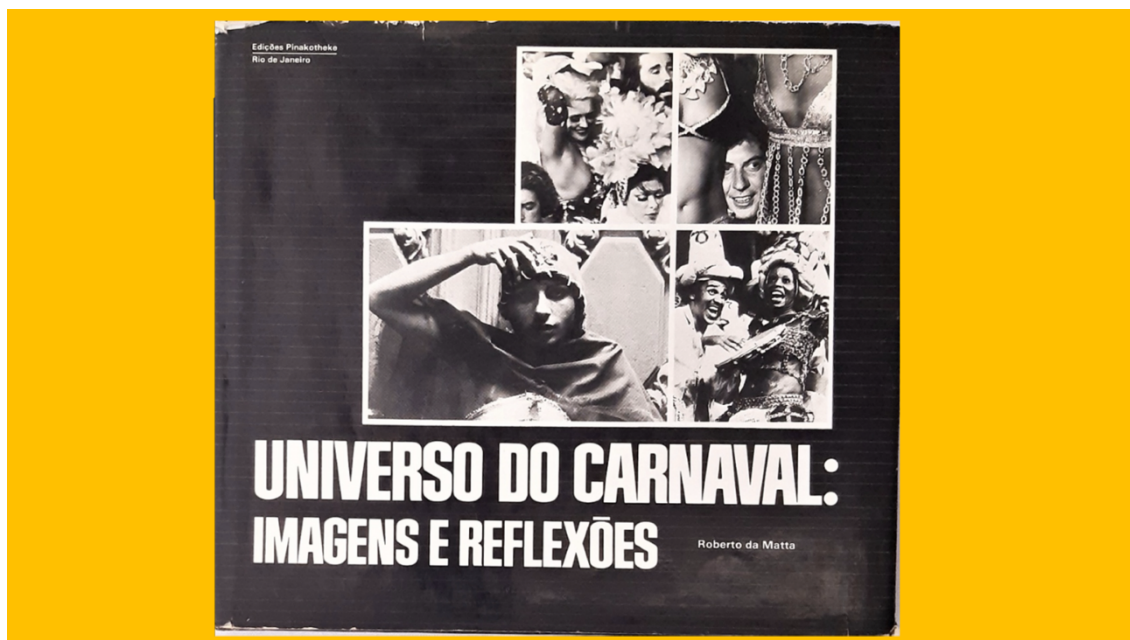
	SER - BIBLIOTECA
RELIGIAO E SOCIEDADE	
MAIO 1977 N°1	
CONTÉUDO	
Aprovação.....	1
ENSAYOS	
Roberto de Mattos, Carnavales, paradas e proclamações: reflexões sobre o mundo dos ritos.....	2
Maria Emma, Umbanda e classes sociais.....	21
Bruno Buarque, A morte branca do feiticeiro negro.....	43
Marcia Cavazza da Costa, Religião, consumo e etnicidade: uma interpretação preliminar do folclore brasileiro em Lagoa, no século XIX.....	61
Douglas Prieto Marcondes, A luta por comunicação.....	87
Margaret E. Crahan, Prontidão religiosa e nacionalismo em Cuba: histórias religiosas entre americanas, 1890-1930.....	105
Peter Fry, Modernidade e aversão.....	120
Eduardo d'Ávila, Catolicismo popular e autoridade eclesial na evolução histórica do Brasil.....	128
NOTAS	
Rafael Kolkoznick, A revolução do sagrado na cultura profana.....	133
Cristina Figueira, O reino das águas.....	140
Stéphane C. de Lima Voz, O sagrado e a natureza.....	141
Roberto de Mattos, O sagrado e a sociologia.....	175
BIBLIOGRAFIA	
Elisete Soares, Religiosidade popular — ensaio bibliográfico.....	181
FUNDAMENTOS	
FUNDOS DE PRÓPRIOS	

Em Carnavais

É meu propósito aqui discutir os três modos básicos por meio dos quais se pode *ritualizar* no mundo brasileiro. Para tanto, focalizo a análise em torno de duas dessas formas, a parada militar e o carnaval, de modo que o estudo inicia sua marcha comparando dois modos de refletir e expressar a estrutura social brasileira, passando a incluir — seja pela necessidade comparativa e de controle dos dados, seja porque a outra forma logo se impõe — a procissão. Mas não se trata de uma apresentação, digamos, empírica desses materiais, em que são constatadas essas formas no plano da sociedade brasileira, pois o estudo evolue dessas manifestações específicas, procurando alcançar — utilizando os recursos da sociologia comparada — um plano mais universal e profundo, no qual se pode discutir com relativa segurança (mas nunca com plena certeza) os mecanismos básicos daquilo que se convencionou chamar como ritual ou ritualização.

No começo dos anos 1980, já autoconsciente do potencial da boa nova anunciada, que vinha arejar imensamente o campo de abrangência das ciências sociais, ele se lança em nova aventura de falar do carnaval a partir das imagens, na verdade, junto com as imagens, ampliando sua antropologia para um novo público.

Parte 2. Universo do Carnaval. Renata Gonçalves



Universo do Carnaval: imagens e reflexões, Edições Pinakotheka, 1981

Quero começar agradecendo à Maria Laura, que acendeu a chama desta homenagem ao nosso admirado professor Roberto DaMatta, a quem hoje celebramos e parabenizamos por seus 90 anos de vida. É para mim uma grande honra participar desta mesa. Nós, que estudamos o carnaval, temos uma relação muito próxima com sua obra. Somos, de certa maneira, herdeiros de um modo de olhar antropológicamente para o carnaval, um olhar que nos ensinou a perceber, por trás da festa, os múltiplos planos sobre a nossa sociedade.

E é justamente nesse encontro criativo entre a fotografia e a análise antropológica que algo **novo** acontece na experiência de ***Universo do Carnaval***, que passo aqui a apresentar e comentar.

As imagens registradas pelo fotógrafo João Poppe não eram simplesmente encomendas para ilustrar uma teoria já pronta. Elas nasciam do encontro entre o fotógrafo e o antropólogo e traziam também o inesperado, aquilo que escapava às formulações iniciais e que podia, por sua vez, abrir novos comentários, novas interpretações e novas perguntas sobre o carnaval e sobre a sociedade brasileira.

Na ocasião, em 1981, a exposição *Universos do Carnaval* gerou também um evento, com uma palestra em que DaMatta comparava o carnaval democratizante do Rio de Janeiro ao carnaval hierarquizado de Nova Orleans. E inclusive, com o apoio do Consulado dos Estados Unidos, uma banda de sopros característica de Nova Orleans se apresentou com um grupo de samba.

A universidade, o livro, a galeria, a fotografia, a música, a festa e o espaço público se integravam, assim, em uma experiência que ampliava os lugares e as formas de fazer antropologia. No livro catálogo, 62 fotografias se mesclavam à análise do autor. A ideia mestra que atravessava essa leitura de DaMatta era a força

da dimensão cosmológica do carnaval, inspirada em Mikhail Bakhtin: o carnaval como “**o tempo que brinca e ri**”, que permite destronar o antigo, romper com o rotineiro, coroar o novo e, assim, renovar a própria experiência da vida. Vamos às imagens.

Essa ideia de renovação, por meio da brincadeira ritual citada por DaMatta, foi sintetizada no famoso quadro: *A Luta ou Batalha do Carnaval contra Quaresma*, de Pieter Bruegel, o Velho, de 1559.



Vejam na imagem, do lado esquerdo, o mundo da festa, uma hospedaria, a bebida, a sociabilidade expansiva do aqui e agora. No lado direito, a morte, a contenção.

No centro, a alegoria da Quaresma contraposta à do carnaval. Em torno deles uma explosão de acontecimentos: pessoas, gestos, corpos, objetos, comidas, rituais, procissões, brincadeiras.

Vejam, agora, essa imagem de João Poppe do carnaval de 1981 na Cinelândia/RJ:



DaMatta observa que, tanto em Bruegel quanto nas fotografias de *Universos do Carnaval*, o carnaval subverte as condutas de uma sociedade hierarquizada e, ao mesmo tempo, abre espaço para a expressão individual.



Tal como a oposição entre rua e casa, o Carnaval também é duplo, complementar, complexo. É a rua devolvida às pessoas. A festa **na cidade** transforma os seus usos. Os bonecos que “vestem” os respiradouros do metrô ao centro. As ruas se enchem de pessoas fantasiadas, sorridentes, que passam a ocupar a cidade de outra maneira.

Monumentos, fachadas, postes, viadutos, sinais de trânsito, veículos, praças, estações de metrô. Tudo pode adquirir novos significados. A cidade deixa de ser apenas o cenário onde o carnaval acontece. Ela também entra na festa e se transforma em personagem.



O espaço urbano se descentra. Há acontecimentos simultâneos em todos os lugares. Uma cidade múltipla em que diferentes mundos emergem ao mesmo tempo. Até mesmo o caminhão do Batalhão de Choque vira lugar de apoio e convivência, incorporado à experiência da festa. A cidade se carnavaaliza.

"A possibilidade de andar, sentar, comer, beber ou até mesmo amar em plena praça pública, na avenida que diariamente consome nosso suor, dinheiro e trabalho."



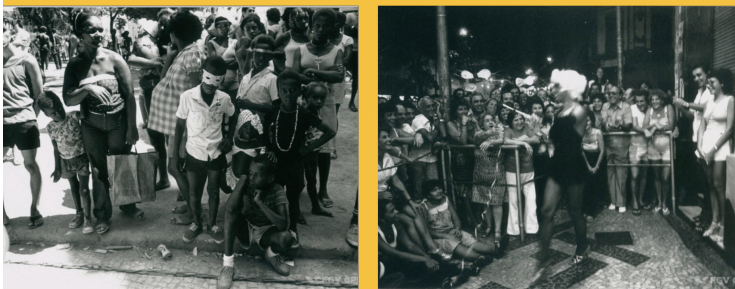
Vemos pessoas sentadas no asfalto, nas escadas públicas, comendo, bebendo, conversando, descansando. As escadarias do Teatro Municipal podem se transformar em mesa, banco e lugar de encontro.

"Há assim um carnaval relacional, de ricos e pobres, de homens e de mulheres, de velhos e de crianças, da casa e da rua."



As oposições casa e rua são temporariamente embaralhadas. A rua passa a funcionar quase como uma grande casa comum. Ao mesmo tempo, a casa também se abre para a rua.

"Nô carnaval, ficamos entre aquilo que somos realmente e aquilo que gostaríamos de ser."



Diferentes grupos sociais passeiam pelas ruas. Um público mais popular na foto à esquerda, e outro de camadas médias à direita. Para DaMatta, a rua se transforma em espaço de encontros que dificilmente aconteceriam, pelo menos da mesma maneira, no cotidiano.

O carnaval cria, assim, uma zona liminar, provisória, em que as fronteiras se embaralham: a casa pode se abrir para a rua e a rua pode, por algumas horas, transformar-se em casa.



De um lado, a casa é atravessada pela festa: pessoas fantasiadas acompanham o carnaval pela televisão, preparando-se para depois saírem às ruas.

Na outra imagem, vemos uma costureira trabalhando em uma fantasia, enquanto, à porta, uma moça aparece com sua presença quase etérea.

Essa inversão aparece também nos corpos. A brincadeira é, de alguma maneira, transformar-se: fingir, esconder, enganar, experimentar outros papéis sociais por meio da fantasia.

É um entre-lugar de nós mesmos, em que identidades podem ser deslocadas, experimentadas e reinventadas. O carnaval de rua, assim, fragmenta a ideia de um mundo organizado por donos, lugares e papéis fixos, abrindo espaço para outras formas de ser e de estar na cidade.



Para DaMatta, uma das transformações recorrentes no carnaval brasileiro é a **“feminização” do mundo**. Em um grande conjunto de fotos, o feminino ocupa a cena, seduz, provoca e produz uma espécie de dominância ambivalente. Pode expressar admiração, desejo e homenagem, mas também crítica, sátira ou mesmo uma forma de controle simbólico sobre aquilo que se representa.



Vemos isso de maneira muito clara nas fotografias: homens que se divertem vestidos de mulher, assumindo gestos, poses e personagens muitas vezes caricaturais.

O que está em jogo, portanto, não é apenas a troca de roupas, mas a possibilidade de experimentar, ainda que por alguns instantes, outros modos de ser e de aparecer no mundo.

Essas imagens não produzem simplesmente uma inversão de papéis. Elas deslocam imagens e convenções do cotidiano, produzindo ambiguidade e nos fazendo pensar sobre a associação tradicional entre o poder oficial e o masculino. Vemos também casais que se divertem com os papéis trocados.



Diferentes modalidades do feminino aparecem no espaço carnavalesco: a mulher recatada, a mulher desejada, a mãe, a mulher sensual, a mulher caricaturada.



E o carnaval emerge, assim, como um espaço privilegiado para a performance e reflexão sobre identidades de gênero. Mais do que uma simples inversão, o que parece emergir é uma multiplicação das possibilidades de representação do gênero. A fantasia, portanto, não é apenas aparência. Ela é experiência.



Essa liberdade de experimentar também aparece nos espaços dos bailes, como neste baile de gala no Canecão, em que carnaval se apresenta como **espaço de liberdade do corpo e de expressão da sexualidade**. Carnavalizar é também transformar aquilo que, no cotidiano, é considerado obsceno ou interdito em uma experiência de liberdade, consentida, compartilhada e divertida.



A ambiguidade emerge como ponte. Aqui eu gostaria de destacar uma dimensão fundamental no argumento do autor: a importância da ambiguidade nas fantasias.



No carnaval, a ambiguidade não emerge como um problema a ser resolvido. É ela que aproxima mundos que, no cotidiano, permanecem separados. Céu e inferno. Deuses e demônios. Pecadores e santos. Homens e mulheres. Animais e seres humanos.

O personagem carnavalesco carrega dentro de si o masculino e o feminino, o humano e o animal, o sagrado e o profano, o angélico e o demoníaco, um ser em que os dois pólos opostos coabitam. É o corpo que ocupa a cena e provoca.

Pode atravessar fronteiras. E, quando essas fronteiras são atravessadas, nós passamos a enxergar melhor a própria existência delas.



Por isso, aquilo que normalmente inspira respeito, temor ou distância pode ser relativizado pela brincadeira. O sagrado e a própria morte entram na festa como personagens.



É como se, durante a festa, pudéssemos dizer à própria morte: “Você também está convidada.” A morte, que deveria ser o limite definitivo, parece ser derrotada por sua própria representação. Como se, naquele universo carnavalesco, a morte pudesse morrer.

E aqui aparece uma das utopias mais radicais do carnaval: a construção provisória de um mundo em que ninguém precisa ficar de fora.



A criança, que normalmente deveria ser protegida diante daquilo que é assustador, pode se aproximar, tocar, brincar e rir. A morte perde, por alguns momentos, sua distância e seu poder de provocar medo.

E, para concluir, chegamos às **performances**. DaMatta chama atenção para o que denomina o “gosto do desempenho pelo desempenho”: o puro prazer de representar, sem uma finalidade utilitária imediata.

A cena produzida, calculada e ensaiada transforma-se em fantasia — e a fantasia pode se tornar uma forma de crítica, por meio do humor irreverente.



Temos os jornalistas, os cinegrafistas, os entrevistadores, o público. Eles estão ali para performar a comunicação televisiva. A câmera diz: “Status da economia”. O cartaz diz: “Atenção! Atenção! A violência e o custo de vida baixaram de 1 para 100%. É assim.”

É uma imagem de enorme força crítica. E vale lembrar o contexto em que ela foi produzida. Em 1981, o Brasil atravessava uma forte crise econômica, com recessão, queda do PIB e inflação muito elevada. Politicamente, o país vivia o processo de abertura lenta e gradual do regime militar, durante o governo de João Figueiredo, em meio a uma crescente mobilização social. Nesse contexto, o carnaval transforma a experiência cotidiana em comentário, sátira e riso.

Há também a personagem **“acidentada na fila do feijão”**. A mão machucada segura o saco vazio do supermercado.



E temos ainda o “**bloco do eu sozinho**”. O indivíduo que, no meio da multidão, aparece momentaneamente afastado de qualquer grupo.



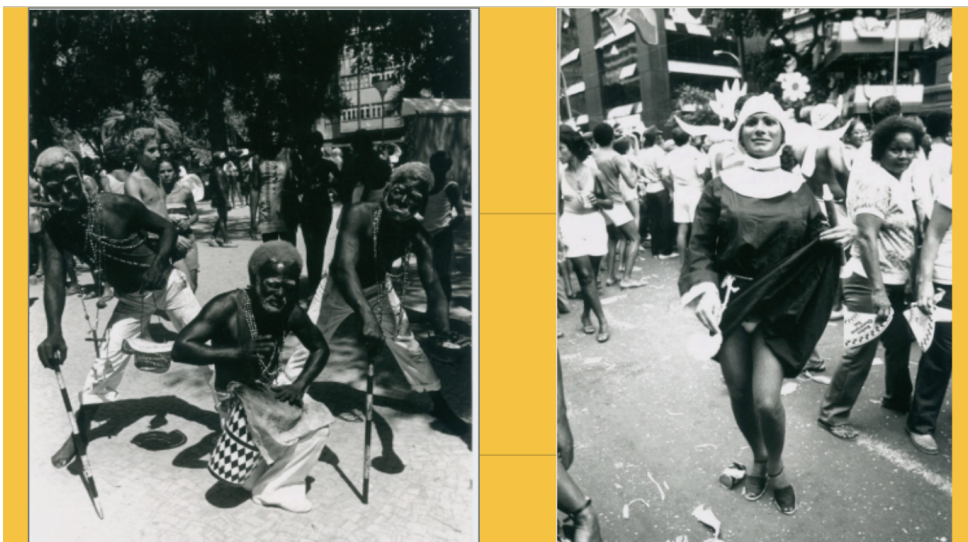
Personagens que inventam um espaço próprio e, a partir dele, lançam suas mensagens para o mundo, como o velho que anuncia, de maneira delirante, um satélite brasileiro que subiria aos céus em 1986.

São performances que expressam uma liberdade de invenção pessoal: a liberdade de ser estranho, excêntrico, diferente.

Como no caso de Chaplin, há também lugar para os palhaços, para os bobos, para aqueles que parecem não compreender inteiramente o mundo. E talvez justamente por isso consigam revelar algo sobre ele.

O ingênuo, o bobo, o palhaço podem nos fazer pensar sobre a brutalidade e o absurdo do mundo cotidiano.

E, finalmente, encontramos novamente a **relativização do sagrado**.



Os Pretos Velhos da umbanda, figuras associadas à experiência, ao aconselhamento e à cura. E, no outro registro, a freirinha que mostra as pernas e a calcinha. O sagrado é deslocado, brincado, colocado em uma situação inesperada. E mais uma vez aparece a ambiguidade. O carnaval não elimina os sentidos. Ele os multiplica.

Eu encerro a apresentação das fotografias, trazendo um trecho do prefácio ao livro-catálogo, em que DaMatta escreveu:

“No momento em que termino este livro, sinto que estou caminhando cada vez mais para dentro de minha sociedade e de mim mesmo. (...) Cada vez que retomo o tema do Carnaval e dos seus múltiplos planos, tenho a impressão de estar penetrando no próprio coração da vida.”

Talvez uma das marcas da visão de carnaval de nosso admirado homenageado esteja justamente aí. Um olhar atento para a vida comum, para seus rituais e seus cotidianos.

Um olhar capaz de encontrar, nas cenas mais próximas e aparentemente banais, sentidos profundos sobre a sociedade brasileira. E capaz de fazer isso por meio de uma linguagem que comunica, que provoca, que seduz e que chega a um público amplo.

Ao olhar para essas imagens e reflexões hoje, podemos seguir esse movimento que continua nos inspirando: **caminhar para dentro da sociedade, caminhar para dentro de nós mesmos e, por caminhos inesperados, chegar ao próprio coração da vida.**

Obrigada.